

Neste editorial, apresento a edição de número 13 da SIG Revista de Psicanálise, que, seguindo a sua tradição, oferece aos leitores textos consistentes teoricamente e que estimulam o pensar. Também, de acordo com a ideia de pluralidade, a presente publicação traz a possibilidade de entrarmos em contato com escritos produzidos a partir de concepções teóricas distintas. Nessa edição, podemos acompanhar, nos textos, as várias formas como a psicanálise e o psicanalista podem estar implicados: na escrita, no campo social e no desenvolvimento de construções teóricas que consideram as transformações culturais.

Na seção **Artigo Convidado**, a psicanalista argentina Leticia Glocer Fiorini promove um interessante percurso teórico sobre o tema da “diferença”. Aborda a diferença sexual e a diferença de gênero (e o intrincamento entre ambas categorias) e suas expressões no plano lingüístico e discursivo. Iniciando com Freud e passando por autores contemporâneos, Fiorini discorre, de maneira muito interessante, sobre a questão da dicotomia binária e as relações de poder. Dentro de um paradigma da complexidade, ao expor uma série de questionamentos, o trabalho *Diferencia(s): nuevas construcciones*, convida a pensar, teorizar e seguir trabalhando: “¿nuestra teoría, nuestras creencias, nuestras herramientas están preparadas para pensar estos desafíos?”.

A seção **Em Pauta** é composta por três trabalhos que mostram aos leitores a potência da escrita, tema esse, que foi a consigna proposta aos autores para elaborarem seus escritos. Por caminhos diferentes, os textos enfatizam as dimensões da falta e da experiência como marcas da escrita.

Em *Totumcalmum: a condição de exílio da escrita*, Edson Luiz André de Sousa enfatiza o ato de escrever como instaurador de uma necessária condição de exílio no sujeito. Apresenta, de maneira complexa e consistente, muitas interrogações sobre a temática, como por exemplo, o que é um autor; as condições de uma autoria e como a experiência inconsciente reposiciona essas mesmas questões. Mostra, ainda, que o ato de escrita não se trata de uma experiência de calma (totumcalmum), mas que gera um estranhamento, um “certo descentramento do autor na sua relação com a linguagem”. O trabalho seguinte, *Texturas psíquicas, espaço potencial e a escrita em travessia: algumas notas para pensar os fluxos da psicanálise contemporânea*, de Renata Lisbôa, traz a belíssima concepção de “escrita em travessia”. Partindo da clínica, dos conceitos winnicottianos de experiência e espaço potencial e tendo como referência e inspiração a obra *Grande sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, o trabalho apresenta a escrita em travessia como expressão singular que deve transmitir a experiência da clínica. Para a autora, essa escrita traz consigo riscos, marcas que falam de belezas, dores e luto. Já em *A escrita, o escrito e o psicanalista enquanto Dichter*, Lucas Krüger levanta alguns questionamentos histórico-críticos acerca da escrita e do escrito em psicanálise, para refletir sobre a proposição que apresenta: o psicanalista enquanto *Dichter*. Para isso, lança mão da obra freudiana *Der Dichter und das Phantasieren* para falar, de maneira inteligente e instigante, do escritor, do ato de criação, do poeta, do fantasiar e das relações e composições dessas proposições com a intervenção do analista.

Seguindo nessa temática, na seção **Entrevista**, Tania Rivera transmite suas elaborações a respeito do tema da escrita. De maneira clara, apropriada e sensível, a psicanalista afirma que “a escrita deveria performar, ou seja, pôr em ato, a implicação do enunciador em sua enunciação como disjunção e desestabilização da própria linguagem”.

Entrevista potente que dá ao leitor a chance de se aprofundar nesse tema tão importante para os psicanalistas e para a cultura.

A seção **Artigos** inicia com *De um Outro ao outro na contemporaneidade*, de Vitor Hugo Couto Triska. A partir de uma escrita consistente e crítica, o autor parte da concepção freudiana de *Kultur* para falar dos limites de alcance na atualidade quando essa concepção está colada na ideia de declínio paterno. Para propor outros caminhos de compreensão, o autor dialoga com um conto de Borges e com algumas produções fílmicas.

Em *Corpo torturável, ser matável*, Marilena Deschamps Silveira explora o tema da alteridade (campo do *ser*) e da tortura (condição de *não ser*). Enlaçando o individual e o social, interroga: “como a psicanálise pode se implicar na construção de uma narrativa ética para o nosso tempo?”. Texto preciso e necessário, principalmente nos tempos de hoje.

No artigo “*Se você não ouve as crianças, você perde as crianças*”: um estudo acerca do lugar da infância no contemporâneo e suas representações, as autoras Vanessa Krummenauer e Bibiana Godoi Malgarim abordam o lugar da infância e do brincar, considerando as transformações contemporâneas. Leitura instigante para pensar os efeitos, na constituição do sujeito, do predomínio da tecnologia nas brincadeiras infantis.

A atualidade da posição ética proposta nos primórdios da psicanálise à luz do caso Dora, artigo de Tatiane Regina Assis Sousa e Magali Milene Silva, faz um interessante percurso teórico para refletir, a partir do caso Dora, de Freud, a posição do analista frente às demandas atuais de eficácia e imediatismo.

Já a seção **Resenha** conta com o trabalho preciso e bem elaborado *Sobre o homem dos lobos: um encontro e reencontro com o inesperado*, de Manola Vidal, acerca do livro *O retorno do homem dos lobos*, organizado por Débora Zaffari Lora e Sander Machado da Silva. Em *As mais recentes associações na transmissão clínica de Jacques André*, Eduardo Kives, de maneira criteriosa e inteligente, escreve sobre o livro *L'inconscient est politiquement incorrect*, de Jacques André.

Boa leitura!

Lísia da Luz Refosco  
 Editora responsável